

IMAGENS DA LEITURA NA TEORIA DE WOLFGANG ISER

Janine Resende Rocha (CEFET-MG)¹

Resumo: Examinaremos três metáforas referenciadas por Wolfgang Iser no livro *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*: a leitura como viagem, o sentido como “desenho do tapete” e o texto como partitura. Pretendemos analisar também as potencialidades da metáfora no contexto de um discurso teórico como o de Iser. A partir do paralelo entre a perspectiva de Hans Blumenberg – que confronta conceito e metáfora – e a de Lorenza Mondada e Danièle Dubois – segundo a qual a instabilidade constitutiva do discurso é cerceada por procedimentos que determinam a referência discursiva –, discutiremos se as metáforas da leitura no livro de Iser não propiciariam, ao menos parcialmente, o que Mondada e Dubois denominam “efeito estabilizador”.


Palavras-chave: Wolfgang Iser; Leitura; Metáfora; Referenciação

Apresentação

Teóricos empenhados no estudo da leitura do texto literário se valem, recorrentemente, de metáforas para designá-la. A reincidência dessas metáforas ilumina o exercício teórico que busca compreender operações virtuais constituídas na leitura, cujo ato implica aguda complexidade. Abstrata, impalpável, essencialmente individual: a leitura mostra-se refratária a conceitos e a definições categóricas, razão pela qual estimula um campo reflexivo com limites menos óbvios – campo que pode ser aferido com o impacto de metáforas no discurso teórico. Neste trabalho, examinaremos três metáforas referenciadas por Wolfgang Iser no livro *Der Akt des Lesens. Theorie ästhetischer Wirkung* [*O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*]: a leitura como viagem; o sentido como “desenho do tapete”; o texto como partitura. Elas sublinham a assimetria entre o polo textual e o da recepção mediante a ênfase na ideia de que o leitor é um elemento imprescindível para se pensar a comunicação literária – e, por conseguinte, há uma reflexão sobre a interpretação. Na análise dessas imagens, verificaremos a caracterização geral da leitura e do papel do leitor definida por Iser no livro em destaque.

Iser reporta-se à ficção de Henry Fielding e, ao endossar a metáfora da viagem apresentada pelo escritor, enfatiza a mobilidade do leitor no decorrer da leitura. Já a metáfora do “desenho do tapete” é explorada a partir do diálogo com a novela “The figure in the carpet” [“O desenho do tapete”], de Henry James. Metacrítica, a novela fomenta, no plano da diegese, uma discussão acerca da interpretação, pois o “desenho do tapete” compreende uma metáfora do sentido secreto concebido por Vereker, personagem que é


¹ Doutora em Estudos Literários (UFMG). Contato: janine@rocha.net.br



o autor ficcional do texto cujo sentido os críticos literários disputam ao longo da narrativa. Por fim, a metáfora da partitura aponta para os limites que tangenciam a leitura do texto.

Com a seleção dessas imagens, analisaremos também as potencialidades da metáfora no contexto de um discurso teórico como o de Iser. Recorreremos, inicialmente, ao livro *Theorie der Unbegrifflichkeit* [*Teoria da não conceitualidade*], de Hans Blumenberg, no qual o autor contrapõe conceito e metáfora, que são caracterizados, respectivamente, pela pretensão de univocidade e pela expectativa de multiplicidade. Para Blumenberg, a metáfora – que desautomatiza definições – torna-se necessária na medida em que a efetividade do conceito arrefece. Em um segundo momento, confrontaremos a perspectiva apontada por Blumenberg com a teoria da referencialização proposta por Lorenza Mondada e Danièle Dubois. Segundo as autoras defendem no ensaio “Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referencialização”, a instabilidade do discurso é cerceada por procedimentos que determinam a referência discursiva, já que esses processos constroem e renegociam o referente. Tanto a argumentação de Mondada e Dubois como a de Blumenberg pressupõem a ausência de estabilidade dos referenciais; e, assim, fica em evidência a elaboração – pelo discurso – de referentes.

A *teoria da não conceitualidade*, de Blumenberg, distingue a forma como o conceito e a metáfora revelam um objeto: enquanto o conceito é movido pelo imperativo de instaurar um objeto ausente, a metáfora é vista como a perturbação – ou a desintegração – de relações que pretendam definir um objeto. Desse modo, refletir sobre a diferença entre conceito e metáfora implica questionar o escopo de uma definição. Ao se fazer esse questionamento, Blumenberg afirma: “Verbalmente, [uma definição] apresenta-se como a substituição de uma expressão por outra. Logicamente, essa substituição é descrita como uma relação de equivalência entre uma e outra expressão” (BLUMENBERG, 2013, p.73). As definições regem os conceitos e, por conseguinte, estão no cerne do exercício teórico. Porém, o filósofo observa: “[a] prova de que a necessidade teórica não se esgota na operação do conceito e das articulações conceituais tem por consequência que sejam descritos os limites do conceito e do que age além desses limites” (BLUMENBERG, 2013, p.73). A reiterada busca dos teóricos por metáforas associadas à leitura pode ser um indício da limitação da esfera conceitual. Essa suposta limitação, contudo, não é condizente com a inviabilidade de se conceituar a leitura; mesmo que marcada pela




complexidade, a leitura pode ser *defínível* (BLUMENBERG, 2013, p.73), ou seja, substituída por outros termos. Ainda assim, as metáforas podem ser bem expressivas, visto que a leitura resiste a se constituir como objeto.

Para Blumenberg, o êxito do conceito depende da construção de um objeto. Essa construção acarreta, pois, a estabilização de ideias. No caso da metáfora, o potencial de determinação é fraco, uma vez que, por se afastar do sistema de equivalências do conceito, amplia as possibilidades de conexões entre referentes. Portanto, a distinção entre conceito e metáfora promove o questionamento quanto à condição da linguagem precisar a relação entre o homem e a realidade. Já Mondada e Dubois relativizam essa condição sob o argumento de que a referência deve dar passagem à referenciação; e, assim, sob o pressuposto da “instabilidade constitutiva das categorias” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.19) cognitivas e linguísticas, propõem a investigação de “processos de estabilização” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.19). As autoras se opõem, conseqüentemente, à concepção linguística que não concebe um intervalo entre “as palavras e as coisas” e que estimula uma compreensão especular do discurso e do saber. Ainda que a instabilidade das categorias seja constatada, “efeitos de objetividade e de realidade” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.21) são viabilizados por procedimentos capazes de criar estabilidade. Nessa direção, ideias acerca da leitura, a despeito da fluidez que a caracteriza, estariam sujeitas a uma estabilização. A nossa hipótese é de que as metáforas da leitura selecionadas do livro de Iser podem gerar o que Mondada e Dubois denominam “efeito estabilizador” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.17).

Leitura de imagens


A conjunção das metáforas com o discurso teórico atesta a flexibilidade da categoria leitura. Esse caráter fica mais destacado se lembrarmos que, das três metáforas a serem analisadas, duas são originadas de textos literários. Ou seja, o novo enquadramento promovido por Iser dessas metáforas deixa explícita a “plasticidade linguística e cognitiva” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.25) sublinhada por Mondada e Dubois. A flexibilidade da categoria leitura pode ser notada também mediante o estudo diacrônico da teoria da literatura: a investigação sobre o sentido do texto literário derivado da leitura, ainda que seja uma constante, ampara uma discussão sobre critérios e parâmetros diversos. Essa diversidade submete a leitura a um enfoque heterogêneo. Mesmo que tenha um papel crucial na leitura, o leitor, curiosamente, ficou à margem dessas investigações durante décadas.



Lançado em 1970, na Alemanha, o projeto teórico de Wolfgang Iser almeja caracterizar as potencialidades do texto em face da resposta estética do leitor no ato da leitura. Há, nessa teoria, o esforço de desacreditar abordagens sujeitas a balizar uma interpretação correta para o texto literário. A interpretação não deveria ter como meta dispor um sentido definitivo para o texto interpretado, seja com embasamento na suposta intenção do autor, seja na mensagem da obra. Porém, conciliar a autonomia do leitor como sujeito interpretante com o controle exercido pelo texto compreende uma difícil tarefa. Presente não só no livro *Der Akt des Lesens*, como na obra de Iser como um todo, a tensão instaurada com o confronto dessas forças opostas pode ser verificada nas imagens aqui selecionadas: a leitura como viagem; o sentido como “desenho do tapete”; o texto como partitura. As imagens, que apresentam aspectos complementares, permitem a Iser explorar potencialidades da leitura. Para pensarmos junto com Mondada e Dubois, o exame dessas potencialidades parte da “não-correspondência entre as palavras e as coisas, e a referenciação emerge da exibição desta distância, da demonstração da inadequação das categorias lexicais disponíveis” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.33).

Associada à leitura, a viagem permite a reflexão de vários aspectos, já que aponta para as deambulações do pensamento, as quais podem engendrar memórias, experiências e conhecimento, tal como acontece quando a mobilidade geográfica é efetiva. Porém, como Iser defende que a liberdade do leitor é dosada pelo texto, as rotas da leitura precisam seguir as prefigurações textuais. Iser não concebe a característica da exorbitância para a leitura: ao leitor é atribuída a tarefa de explicitar o que não foi formulado, mas sem que o texto seja extrapolado. Mesmo que o leitor tenha que preencher lacunas e propor conexões entre os segmentos textuais, a mobilidade consentida por essa atuação não equivale a uma deriva diante do texto, pois o expresso controla a construção do sentido do que não foi expresso. O leitor iseriano, constituído metaforicamente como viajante, não pode se lançar em uma viagem sem se ater ao texto e sem retornar à realidade. Assim, deve concentrar-se no texto, refletir sobre seu contexto pessoal ao ser estimulado pela ficção e não interpretar o mundo como se fosse um texto literário.

No livro *Der Akt des Lesens*, Iser se vale da figura plástica do leitor-viajante ao retratar aspectos do confronto dialético entre leitor e texto:




Umfangreiche Texte wie Romane und Epen sind in allen ihren Teilen beim Lesen niemals mit gleicher Intensität gegenwärtig. Das war schon den Autoren des 18. Jahrhunderts so bewußt, daß sie in ihren Romanen Strukturierungsempfehlungen für die Lektüre diskutierten. Kennzeichnend dafür ist die von Fielding, später auch von Scott und seinen Nachfahren gebrauchte Metapher der Postkutsche, die den Leser zu einem Reisenden stilisiert, der den oft beschwerlichen Weg durch den Roman aus der Sicht eines wandernden Blickpunkts nimmt. Es versteht sich, daß er dann das Gesehene selbst in seiner Erinnerung verknüpft und einen Zusammenhang herstellt, dessen Verlässlichkeit nicht unwesentlich von der gezeigten Aufmerksamkeit abhängt. In jedem Falle aber ist ihm die ganze Reise nicht in jedem Augenblick verfügbar¹. (ISER, 1984, p.33)

A mobilidade descrita nesse trecho pode ser depreendida não só a partir do caráter permanentemente inacabado da leitura – que demanda a combinação de diferentes estágios do texto –, como também do movimento que o leitor realiza pelos planos da narrativa, atualizados no ato da leitura. Transitando por esses planos, o ponto de vista do leitor oscila entre a perspectiva da narrativa circunscrita pela ótica do narrador, dos personagens, do enredo e do objeto ficcional construído na leitura.

A metáfora da viagem pressupõe uma concepção de leitura que prevê processos interativos incompatíveis com a noção de imanentismo textual, pois o leitor deve explorar ativamente o texto literário. Essa exploração suscita sentimentos, emoções e imagens, que contribuem para a formulação analítica da experiência de leitura. No âmbito dessa metáfora, o leitor deve ser capaz de renovar o sentido do texto literário. E, assim, na imagem do leitor-viajante pulsa não só a ideia de que o leitor é um elemento imprescindível para se pensar a comunicação literária, mas também a projeção do efeito dessa comunicação, efeito que, para existir, convoca a atuação do imaginário. Em tese, a associação da ideia de viagem à leitura pode admitir várias acepções. Contudo, a multiplicidade de aspectos que tangenciam a viagem não é ventilada por Iser. A acepção subscrita por ele, ao mesmo tempo em que aponta para a elaboração inacabada ou parcial da leitura do texto literário, enfatiza a atenção que o leitor deve ter ao texto. Desse modo,

¹ “Textos extensos como romance e epopeia não se fazem presentes em todas as suas partes, no ato da leitura, com a mesma intensidade. Disso os autores do século XVIII já estavam tão conscientes que discutiram, nos seus romances, sugestões para estruturar a leitura. Característico disso é a metáfora da diligência, empregada por Fielding e, mais tarde, por Scott e seus sucessores: o leitor é tratado como um viajante, que, através do romance, pega o caminho muitas vezes tortuoso a partir de um ponto de vista que se desloca. Percebe-se que o próprio leitor combina, então, aquilo que foi visto na sua memória e elabora um contexto, cuja confiabilidade depende significativamente da atenção dispensada. Mas, de qualquer maneira, a viagem inteira não está disponível a ele a cada passo”. (Tradução nossa.)




a hipótese de o leitor ser um viajante sem rumo certo ou sem programação prévia não é contemplada. Se, por um lado, a restrição do significado da metáfora em destaque deixa de ser condizente com a ampliação nas conexões entre os referentes prevista por Blumenberg, por outro, essa restrição se faz necessária no âmbito teórico – ou seja, a incorporação da metáfora no discurso teórico depende de uma estabilização semântica.

O pressuposto quanto ao controle exercido pelo texto na atuação do leitor fica ainda mais acentuado com a metáfora do “desenho do tapete”. Atrelada à leitura que Iser faz da novela de Henry James, essa metáfora é decisiva para a compreensão do impasse a que chega a teoria iseriana da leitura. Ao se valer da novela de James para introduzir o livro *Der Akt des Lesens*, Iser assinala duas acepções diferentes de crítica literária e de interpretação: uma vigente no século XIX – a qual determina que as mensagens deixadas pelos autores nas respectivas obras deveriam ser decodificadas pelos leitores – e a segunda, própria do século XX, que convoca o leitor a ser agente da produção de imagens. Com essa diferenciação, Iser introduz as bases da sua teoria do efeito estético, as quais, além de enfatizar o impacto da arte moderna na interpretação, implicam questões relativas ao sentido e à leitura.

Referenciando a vida literária, a novela dramatiza a obcecada busca do narrador, um jovem crítico literário do século XIX, pelo sentido oculto e inequívoco que o renomado escritor-personagem Hugh Vereker teria disposto na sua obra. Esse sentido é designado por uma série de metáforas, exemplificadas na enumeração do narrador: “O segredo de Vereker, meu caro – a intenção geral de suas obras, o fio em que ele enfiava suas pérolas, o tesouro enterrado, o desenho do tapete” (JAMES, 1993, p.77). Na novela, Vereker desafia a crítica a encontrar o sentido secreto de sua obra, sentido que, em face de tais metáforas, detém um caráter duplo: ora é algo profundo, como um tesouro a ser desencavado; ora é algo que está na superfície, como uma imagem em um tapete.

A novela “The figure in the carpet”, de James, oferece, assim, uma reflexão metateórica quanto à via de comunicação que a literatura instaura entre autor, texto e leitor e quanto aos impasses de se traduzir a literatura em um discurso cognitivo. O narrador passa a se ver como um crítico fracassado, pois não acredita ser capaz de identificar a ideia central da obra de Vereker. Dessa forma, podemos constatar que a diversidade de interpretações própria do texto literário é minada diante da procura estéril



pelo “desenho do tapete”. A disputa que se criou entre os personagens pelo sentido secreto o validou como algo grandioso.

Considerando as lacunas textuais a serem negociadas pelo leitor da novela, é plausível pensar que o “desenho do tapete” sequer existia. No entanto, essa é uma questão que não autoriza resposta definitiva e, assim, permanece em aberto. Caso haja um desenho a ser desvendado na novela, a sua imagem poderá variar conforme o ponto de vista do leitor. A novela de James, ao tratar da leitura dos textos literários de Vereker, põe em perspectiva um jogo com a interpretação a ser feita também pelos leitores de “The figure in the carpet”. Dessa maneira, a problemática ilustrada pela novela de James quanto à crítica literária e à interpretação pôde ser explorada por Iser ao apresentar “*in medias res*” (DE BRUYN, 2012, p.108) seu argumento na abertura de *Akt des Lesens*. Na medida em que preenche espaços vazios do texto – ao invés de ponderar se certas lacunas devem ser preenchidas –, Iser explicita a contundente tarefa do leitor de “The figure in the carpet”. O teórico pressupõe que o “desenho do tapete” não é uma farsa ou um truque de Vereker e conclui que o sentido não deve ser *explicado*, e sim *experimentado*.

Na novela de James, o mistério quanto ao “desenho do tapete” ressalta a instância autoral, uma vez que essa metáfora designa o enigma cifrado por Vereker. Portanto, na narrativa, os críticos estão subordinados à mensagem disposta pelo autor na obra. Contudo, as elipses estruturantes da novela fazem com que sejam defensáveis tanto a hipótese de que havia o “desenho do tapete”, como a de que ele seria uma farsa. Por esse motivo, gera estranhamento que Iser, na condição de leitor da narrativa, preencha as lacunas textuais de modo a incumbir os leitores fictícios de procurar tal mensagem. Esses leitores não teriam então uma liberdade ampla, pois transitariam apenas dentro dos limites da intenção do autor. Ao leitor, não seria permitido se esquivar do “desenho do tapete”.

A transposição da metáfora do “desenho do tapete” para o âmbito teórico depende da estabilização do sentido da novela de James. Uma vez incorporada ao discurso teórico, essa metáfora – bem como a da partitura – introduzem um fator visual que, por si só, produz um efeito de objetividade. Além disso, a metáfora do desenho dialoga diretamente com a concepção do texto como partitura. Segundo Iser: “[...] auf der einen Seite ist der Text nur eine Partitur, und auf der anderen sind es die individuell verschiedenen

Fähigkeiten der Leser, die das Werk instrumentieren”¹ (ISER, 1984, p.177). O exercício de leitura por Iser da novela de James evidencia que o texto literário depende da atuação do leitor – alguém capaz de apreendê-lo e de traduzi-lo a partir das possibilidades restringidas pelo autor.

Visto como partitura, o texto condiciona e limita tal atuação para que o “desenho do tapete” seja encontrado. Com esse comentário, podemos retomar a observação feita a propósito da metáfora da viagem: o leitor, para Iser, não sai da órbita do texto. A complementariedade dos aspectos previstos pelas metáforas quanto à relação dinâmica entre texto e leitor enfatiza o rigor com o qual elas são negociadas por Iser no âmbito teórico. Essa negociação, que seria impossível sem uma estabilização referencial, é feita em face da elaboração conceitual sobre a leitura. Assim, as metáforas não podem ser vistas como um desvio no âmbito do discurso teórico, e sim como um elemento profícuo que explicita meandros da teoria iseriana.

Referências bibliográficas

BLUMENBERG, Hans. *Teoria da não conceitualidade*. Trad. e introdução Luiz Costa Lima. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

DE BRUYN, Ben. *Wolfgang Iser: a companion*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2012.

ISER, Wolfgang. *Der Akt des Lesens*. Theorie ästhetischer Wirkung. 2. durchgesehene und verbesserte Auflage. Stuttgart: Wilhelm Fink, 1984. [Edição brasileira: ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996-99. 2 v.]

JAMES, Henry. O desenho do tapete. In: JAMES, Henry. *A morte do leão: histórias de artistas e escritores*. Trad. Paulo Henriques Britto. Seleção e posfácio José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.144-179.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alea (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

¹ “[...] por um lado, o texto é apenas uma partitura e, por outro, são as capacidades dos leitores, individualmente diferenciados, que instrumentam a obra”. (Tradução nossa.)